

O sistema escolar brasileiro passou a contar com uma voz crítica, severa é verdade, mas de indiscutível autoridade: dona Ruth Cardoso. Presente ao debate "Desigualdade e desenvolvimento social" e encerrando a

1.ª Conferência Anual do Banco Mundial sobre o Desenvolvimento na América Latina e no Caribe, a primeira-dama definiu nossa escola como "repositório do atraso nacional". Sem mais, foi

adiante em sua argumentação contra o atual modelo educacional brasileiro, garantindo que ele "reproduz os mesmos tipos de discriminação e preconceitos existentes na sociedade". Para vencer este modelo chamado de racista, de nada adiantaria, segundo ela, aumentar o tempo de escolaridade de cada estudante; o importante é observar a qualidade do ensino. O número de aulas parece, pois, secundário.

Passada a primeira reação de espanto, começam os brasileiros a notar que o estilo "metralhadora giratória", antes experimentado pelo ministro Sérgio Motta, fez escola. Uma das primeiras vítimas do estilo passou direto da condição de vidraça para a de estilingue — e a presidente do conselho consultivo do programa Comunidade Solidária, que por mais de uma vez repetiu não pretender exercer cargo algum na vida política da República, avançou na seara do ministro Paulo Renato, que já tem quase seis meses de gestão. Indo um pouco além dos limites de primeira-dama (ou teria sido convidada a falar como antropóloga?), deu lições ao Ministério da Educação como se fosse integrante do "governo alternativo". O fato pode ser visto na estranha observação de que ampliar a carga horária das nossas crianças não é necessário e, o que é mais grave: mais tempo na escola não significa nenhuma tentativa de oferecer melhor qualidade de ensino.

É verdade também que S. Sa. ocupou por inteiro seu posto de crítica nº 1 da educação nacional, descobrindo o que chamou de "discriminação positivista". Dispensando a invocação de Augusto Comte, tendo em vista que o problema parece ser de exclusiva res-

pensabilidade dos seguidores do nacional Benjamin Constant, a primeira-dama considera que a Educação das meninas é privilegiada em detrimento da dos meninos, porque as primeiras são "mais quietinhas, mais educadi-

nhas, alcançando um nível de escolaridade mais alto que os meninos". Tese muito interessante. Poder-se-ia perguntar, porém, se o fato de haver deixado Araraquara aos 15 anos como aluna exemplar

e assim seguir até o final da carreira universitária, sempre revelando excelente educação social, teria sido o verdadeiro motor de sua brilhante carreira acadêmica. Que, aliás, comunicou a publicação, de janeiro para cá, de nada menos do que três obras.

Ao completar sua intervenção na conferência do Banco Mundial, dona Ruth Cardoso falou de seu gosto "de ver tudo pelo lado pequeno das coisas", atribuindo tal vez a uma certa "conversa de antropólogo". Nessa visão das coisas, a ex-professora da USP apontou índices "incríveis" de aumento da produtividade obtido pelas associações que oferecem "educação complementar ao pobre do interior". Sendo a opinião de quem é, esse parece ser o novo caminho para tudo resolver na educação nacional? É curioso observar que é exatamente quando o Ministério da Educação comunica os principais pontos estratégicos do MEC para os próximos quatro anos — os quais incluem reestruturação dos currículos, visando à adoção de um currículo mínimo comum — que a primeira-dama garante que a solução é parar com tudo isso e entregar as tarefas educacionais a pequenas associações que pensem no "pobre do interior". Curiosa multiplicação de esforços governamentais. Nesse caso, o secretário de Educação de um esquecido município deve prestar atenção no que diz o MEC ou no que a primeira-dama diz ser certo para a educação?

Dona Ruth asseverou que a solução para nossos problemas educacionais seria "começar a colocar as questões ao contrário". No que se refere ao programa do Ministério da Educação, parece ter de fato começado pelo contrário.

## **A primeira-dama ofereceu estranhas alternativas para o sistema escolar brasileiro**